

BEN MEZRICH

AUTOR DO LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME *A REDE SOCIAL*

BILIONÁRIOS DO BITCOIN

OS GÊMEOS QUE DESAFIARAM
MARK ZUCKERBERG E SE TORNARAM
OS REIS DO BITCOIN



ALTA BOOKS

EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

SUMÁRIO

<i>Nota do Autor</i>	xi
ATO UM	1
1. NA JAULA DO TIGRE	3
2. PESO MORTO NA ÁGUA	15
3. OS PÁRIAS	31
4. NO COMEÇO ERA A ESPUMA	41
5. O PORÃO	47
6. HÁ UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL	53
7. 30 DE AGOSTO DE 2012	61
8. CHARLIE	79
9. STEPFORD, CONNECTICUT	85
10. OS BONS COMPRADORES	97
11. O ROUBO REVERSO	101

ATO DOIS	113
12. O INÍCIO	115
13. BAYFRONT PARK, CENTRO DE MIAMI	121
14. VOLTANDO PARA A ESTRADA	127
15. NO AR	137
16. O REI DO BITCOIN	147
17. A MANHÃ SEGUINTE	153
18. LUZES DA CIDADE	159
19. O PARAÍSO É AQUI	165
20. A FRENTE ÚNICA	171
21. ATRÁS DA PORTA	179
22. BITCOIN 2013	189
23. ENTRANDO NO MAINSTREAM	203
ATO TRÊS	213
24. HISTÓRIA DE UM PIRATA	215
25. NO DIA SEGUINTE	219
26. A QUEDA	225
27. NO OUTRO LADO DA CIDADE	237
28. CAVALHEIROS DE HARVARD	243
29. O DIA DO JULGAMENTO	251
30. RECOMEÇO	257
31. DE DUMAS A BALZAC	265
EPÍLOGO: Por Onde Andam...?	269
Bibliografia	273

1

NA JAULA DO TIGRE

Dia 22 de fevereiro de 2008.

Vigésimo terceiro andar de um prédio comercial prosaico nas cercanias do Distrito Financeiro, em São Francisco.

A característica estrutura de vidro, aço e concreto convertida em cubos exageradamente iluminados e demasiadamente refrigerados. Paredes em tons de creme em meio a carpetes bege padrão. Faixas fluorescentes recortando o labirinto de retângulos no teto. Bebedouros surgindo como totens, mesas com bordas de aço cromado, cadeiras de couro sintético com alavancas de ajuste.

Pouco depois das três da tarde de uma sexta-feira, Tyler Winklevoss estava diante de uma janela panorâmica, observando um enxame de prédios comerciais em meio à neblina. Com grande esforço, ele tentava beber água filtrada em um copo descartável extrafino sem molhar demais a gravata. Depois de tantos dias, meses, anos (que droga!), a gravata já perdera sua utilidade. Se aquele suplício se estendesse mais, cedo ou tarde, ele apareceria na próxima interminável audiência com uma jaqueta da equipe olímpica de remo.

Tyler mal havia sentido o gosto da água quando o copo se desfez, liberando córregos que pouparam sua gravata, mas encharcaram a manga da camisa. Ele atirou o copo em uma lata de lixo próxima da janela e sacudiu o punho molhado. “Outro item pra lista. Copos de papel no formato de casquinhas de sorvete. Quem foi o sádico que inventou isso?”

“Talvez tenha sido o mesmo cara que inventou as lâmpadas. Fiquei dois tons mais bronzeado depois que nos mudaram pra esse andar. Esquece aquele papo de lagos de fogo; aposto que o purgatório tem iluminação fluorescente.”

Cameron, irmão de Tyler, estava no outro lado da sala, estirado sobre duas cadeiras, com as pernas compridas apoiadas no canto de uma grande mesa retangular. Ele usava um blazer sem gravata. Um dos seus sapatos de couro tamanho 46 estava perigosamente perto da tela do laptop de Tyler, que não estava nada preocupado com isso. O dia havia sido bem longo.

Tyler sabia que aquele tédio era uma tática. A mediação é diferente do litígio. Na batalha judicial, as duas partes se enfrentam pela vitória, no que os matemáticos e economistas chamam de jogo de soma zero. O litígio tem pontos altos e baixos, mas, sob a superfície, flui uma energia primitiva; no fundo, é uma guerra. Mas a mediação é diferente. Quando bem executada, ela não resulta em vencedor e perdedor, mas em duas partes comprometidas com uma resolução, a “dividir a criança em duas”. A mediação não parece uma guerra. De fato, ela lembra mais uma viagem de ônibus muito longa que só termina quando todos os passageiros se cansam da paisagem e resolvem definir um destino.

“Pra ser mais preciso”, disse Tyler, voltando para a janela e para a paleta de cinza gravada em outra tarde no norte da Califórnia. “Não somos nós que estamos no purgatório.”

Sempre que os advogados saíam da sala, Tyler e Cameron faziam o possível para não falar do caso. No começo, aquele fora o único assunto. Eles estavam tão cheios de raiva e se sentiam tão traídos que não conseguiam pensar em outra coisa. Mas, à medida que as semanas se tornaram meses, os irmãos perceberam que aquela irritação não fazia bem à sanidade deles. Como diziam os advogados, eles deviam confiar no sistema. Então, quando ficavam a sós, eles falavam sobre tudo, menos do motivo pelo qual estavam lá.

Mas a menção à literatura medieval, especificamente à descrição dos círculos do inferno feita por Dante, mostrava que a estratégia de fuga já estava se deteriorando; aparentemente, confiar no sistema jogara os irmãos em uma das invenções do autor italiano. Porém, aquele era um bom tema. Na adolescência, em Connecticut, Tyler e Cameron eram obcecados por latim. Como não havia nenhum curso específico no último ano do colégio, eles pediram autorização ao diretor para montar um

Seminário de Latim Medieval com o padre jesuíta que coordenava o programa. Juntos, os gêmeos e o padre traduziram as *Confissões* de Santo Agostinho de Hipona e outras obras medievais. A obra mais famosa de Dante não foi escrita em latim, mas eles tinham um domínio suficiente do italiano para atualizar essa descrição do inferno: bebedouros, lâmpadas fluorescentes, quadros brancos... advogados.

“Tecnicamente”, disse Tyler. “Estamos no limbo. É *ele* que está no purgatório. Não fizemos nada de errado.”

Alguém bateu na porta. Peter Calamari, um dos advogados dos irmãos, entrou. De cabelos já rareando, ele tinha uma testa saliente e um queixo pequeno e gordo. Sua camisa da marca Tommy Bahama, estampada com palmeiras, escapava da cintura de uma calça jeans tão grande que atrapalhava seus movimentos; Tyler não teria se surpreendido se a etiqueta ainda estivesse na roupa. Pior ainda, Calamari estava de sandálias, provavelmente compradas na loja dos jeans.

Logo depois do advogado, entrou o mediador. Antonio “Tony” Piazza passava uma impressão bem melhor. Magro e esbelto, ele vestia uma combinação impecável de terno e gravata. Seus cabelos grisalhos estavam bem aparados e o rosto, bronzeado. Entre os jornalistas, Piazza era conhecido como “o mestre da mediação” — ele já havia resolvido mais de 4 mil casos complexos, tinha memória fotográfica e era especialista em artes marciais. Para Piazza, a prática do aikido havia lhe ensinado a direcionar sua agressividade para fins produtivos. Ele era obstinado e, em tese, o motorista perfeito para aquela viagem de ônibus interminável.

Antes mesmo de os advogados terem fechado a porta, Cameron já havia tirado as pernas da mesa.

“Ele concordou?”

A pergunta fora direcionada para Piazza. Os gêmeos achavam que Calamari, sócio do presunçoso e arrogante escritório Quinn Emanuel, era tão somente um mensageiro entre eles e o mestre de aikido. Talvez aqueles jeans e sandálias bastante folgados fossem uma tática para penetrar na atmosfera do Vale do Silício, mas Cameron achava que isso parecia mais um trambique do que a conduta de um advogado.

Na verdade, Calamari nem devia estar lá. Ele estava no lugar de Rick Werder Jr., o principal advogado do caso, que no último momento havia optado por representar uma empresa em uma ação de falência avaliada em US\$ 2 bilhões. Apesar de ser

diretamente responsável pelo desfecho do caso dos gêmeos, Werder não compareceu à mediação, o momento decisivo da disputa. Para os irmãos, ele havia avaliado a situação e escolhido uma ação que parecia ser maior e melhor do que aquela.

Os gêmeos haviam contratado o escritório Quinn Emanuel para incrementar sua equipe jurídica, pois a fase instrutória estava quase no fim e o mérito logo seria discutido. Fundado em 1986 por John B. Quinn, o escritório era famoso por jogar pesado e se dedicava exclusivamente a ações judiciais e arbitragem em direito empresarial. O Quinn Emanuel também havia sido pioneiro na abolição do código de vestimenta formal — algo inédito entre os grandes escritórios de advocacia. Essa inovação foi a causa do fracasso de moda de Calamari.

“Ele não disse não”, disse Piazza. “Mas levantou algumas questões.”

Tyler olhou para o irmão. A proposta inicial fora ideia de Cameron. Depois de todo aquele tempo falando por meio de advogados — e, também, Piazza, uma esfinge cheia de eloquência procurando um meio-termo — Cameron questionou se não havia uma forma de evitar o teatrinho. Em um passado bem recente, os três haviam se conhecido em um refeitório da universidade. Talvez fosse possível marcar um encontro entre eles, sem advogados, para conversar até resolver tudo.

“Que questões?”, perguntou Cameron.

Piazza fez uma pausa.

“Questões de segurança.”

Tyler demorou um pouco para entender o que o Piazza havia dito. Seu irmão se levantou da cadeira.

“Ele acha que a gente vai dar porrada nele?”, perguntou Cameron. “É isso?”

Tyler sentiu seu rosto ruborizar.

“Só pode ser brincadeira.”

O advogado entrou em cena, conciliador. “O mais importante é que, tirando essas questões de segurança, ele foi receptivo à ideia.”

“Espera aí. Deixa eu ver se entendi”, disse Tyler. “Ele acha que a gente vai bater nele? Durante a mediação. Em uma sala na firma do mediador.”

A expressão de Piazza não se alterou, mas sua voz ficou mais grave — um timbre bem suave, capaz de induzir sono em alguém.

“Vamos manter o foco. Em tese, ele concordou com a proposta da reunião. Só temos que acertar os detalhes.”

“Que tal você nos algemar no bebedouro?”, perguntou Cameron. “Será que ele vai ficar mais à vontade?”

“Não é necessário. Há uma sala de vidro no fim do corredor. A reunião pode ser lá. Só um de vocês participará do encontro. O resto do grupo acompanhará do lado de fora.”

Era um absurdo total. Para Tyler, lembrava o tratamento dispensado a animais selvagens. *Questões de segurança*. Parecia que as palavras haviam saído *dele*. Parecia algo que só *ele* diria ou pensaria. Talvez fosse uma jogada; a ideia de que ele estaria a salvo se apenas um dos irmãos participasse da reunião era quase tão ridícula quanto a ideia da surra, mas talvez ele achasse que teria uma vantagem intelectual se conversasse só com um deles. Desde o início, os gêmeos tinham a impressão de que ele os julgava pela aparência. Eles eram só os caras descolados do campus. Atletas idiotas que não sabiam nada de programação e precisavam contratar um nerd para criar um site, o site que apenas ele, o menino gênio, seria capaz de inventar. *Óbvio: se eles fossem os inventores, eles teriam inventado*. Seguindo essa lógica, é claro que eles dariam porrada nele se o pegassem sozinho em uma sala.

Tyler fechou os olhos, esperou um pouco e disparou, com indiferença:

“Cameron vai.”

Seu irmão sempre fora um pouco menos áspero, menos alfa, mais capaz de ceder quando não havia outra saída. Sem dúvida, a reunião seria uma dessas situações.

“Como um tigre na jaula”, disse Cameron, acompanhando Piazza e o advogado pelo corredor. “Preparem a pistola com os tranquilizantes. Se eu fizer menção de pular na garganta dele, por favor, mirem no blazer. É do meu irmão.”

O advogado e o mediador não esboçaram nem um mínimo sorriso.

A entrada naquele aquário, quarenta minutos depois, foi um dos momentos mais surreais da vida de Cameron Winklevoss.

Mark Zuckerberg já estava sentado diante de uma longa mesa retangular, no centro da sala. Cameron teve a impressão de que havia uma almofada debaixo dele, que media 1,70 metro — era o assento mágico do bilionário. Cameron sentiu um leve desconforto ao fechar a porta de vidro; ele percebia Tyler e o advogado sentados atrás dele, do outro lado da parede transparente. À sua frente, estavam Piazza e os advogados de Zuckerberg, um exército de ternos. Cameron reconheceu a maioria deles; não tinha como esquecer de Neel Chatterjee, do escritório Orrick Herrington & Sutcliffe LLP, que zelava tanto por aquele precioso cliente (e tinha tanto interesse pelas opiniões dos gêmeos sobre ele) que, em 2008, quando os irmãos foram convidados para um bate-papo em uma conferência sobre internet, Chatterjee apareceu na plateia, provavelmente para monitorá-los. Chatterjee e os outros advogados manuseavam blocos de anotações, mas Cameron não tinha ideia do que eles escreveriam. Ao que constava, o vidro da sala era à prova de som e, até onde ele sabia, ninguém ali dominava a leitura labial. A conversa seria entre ele e Zuckerberg: sem mediador, sem advogados, sem ninguém ouvindo, sem ninguém para atrapalhar.

Zuckerberg não levantou os olhos enquanto ele se aproximava da outra extremidade da mesa. O estranho calafrio que percorria a coluna de Cameron não vinha da potência excessiva do ar-condicionado. Aquela era a primeira vez que ele encontrava seu ex-colega de Harvard em quatro anos.

Eles haviam se conhecido em outubro de 2003 no refeitório da casa Kirkland, no campus, quando Cameron, Tyler e seu amigo Divya Narendra convidaram Zuckerberg para falar sobre a rede social que eles vinham planejando desde o ano anterior. Nos três meses seguintes, os quatro se encontraram várias vezes no dormitório de Zuckerberg e trocaram mais de cinquenta e-mails tratando do site. No entanto, sem o conhecimento dos gêmeos e Narendra, Zuckerberg havia começado a trabalhar em um projeto secreto, outra rede social. Ele registrou o domínio thefacebook.com em 11 de janeiro de 2004, quatro dias antes do terceiro encontro, realizado em 15 de janeiro de 2004.

Três semanas depois, em 4 de fevereiro de 2004, ele lançou o thefacebook.com. Cameron, Tyler e Divya souberam disso pouco depois pelo *Harvard Crimson*, o jornal do campus. Cameron imediatamente pressionou Zuckerberg por e-mail.

Zuckerberg respondeu: “*Se você quiser marcar uma reunião fechada para falar sobre isso, estou à disposição. É só avisar.*” Mas Cameron recusou a oferta, sentindo que já não havia nenhuma confiança; para que conversar com aquele tipo de gente? Naquele momento, ele só acreditava nas opções do sistema — primeiro, uma petição direcionada à administração de Harvard e ao reitor Larry Summers exigindo a aplicação do código de honra estipulado no manual do aluno para as interações entre os discentes; quando essa alternativa se revelou ineficaz, Cameron, relutante, levou a questão aos tribunais — e agora eles estavam lá, depois de quatro longos anos...

Cameron chegou à mesa, instalou seu corpo imenso em uma cadeira e só então recebeu um olhar *dele*, pontuado por um sorriso ínfimo e constrangido. Era muito difícil decifrar alguém cujo rosto não revelava nenhuma expressão visível, mas Cameron detectou um leve nervosismo na forma como Zuckerberg se movia para frente, com as pernas cruzadas nos tornozelos sob a mesa, um lapso fugaz de emoção humana. Surpreendia o fato de ele *não* estar usando seu típico moletom cinza; talvez tivesse enfim decidido levar a questão a sério. Zuckerberg acenou para Cameron, murmurando uma saudação.

Foi Cameron quem mais falou nos dez minutos seguintes. Ele começou com um gesto de boa vontade. Parabenizou Mark pelas conquistas que obtivera naqueles anos desde Harvard. Ele havia transformado o thefacebook.com — uma pequena rede social universitária que começara como um site exclusivo para a galera de Harvard — no Facebook, um fenômeno mundial que se espalhara por vários campus e países, atraindo milhões e, depois, bilhões de usuários, mais de um quinto das pessoas do planeta, que agora compartilhavam, espontânea e regularmente, suas preferências pessoais, fotos, curtidas, amores e vidas em uma rede que não demonstrava nenhum sinal de estar parando de crescer.

Cameron evitou dizer o óbvio: que Tyler, Divya e ele acreditavam, com plena convicção, que o Facebook surgira da ideia deles — o site Harvard Connection (depois, ConnectU), uma rede social que ofereceria um ambiente online para interação entre universitários. Cameron, Tyler e Divya haviam criado o Harvard Connection depois de terem se decepcionado com as limitações da vida no campus. O primeiro ano havia sido um turbilhão. Aliás, foi na semana dos calouros que Divya conheceu Cameron em Harvard Yard e o convidou para tocar guitarra no dormitório. A amizade entre os dois foi instantânea. No entanto, essas fortuitas colisões sociais foram rareando no campus à medida que a vida estudantil consumia cada vez mais tempo.

Era difícil fazer amigos fora do dormitório, da atividade esportiva e do curso de cada aluno. Isso incomodava os gêmeos e Divya, que resolveram criar uma solução. O Harvard Connection (ConnectU) seria um campus virtual que colocaria a vida universitária na internet e eliminaria as barreiras físicas e a impermeabilidade das bolhas sociais do mundo off-line. A cada primeiro ano, tudo recomeçaria, mas os alunos teriam uma excelente ferramenta — e poderiam curtir bem mais.

Na primavera de 2003, a base de código já estava quase pronta, mas o primeiro programador, Sanjay Mavinkurve, se formou e foi trabalhar no Google, em Mountain View, na Califórnia. Por isso, os gêmeos e Divya tiveram que encontrar outra pessoa para concluir a programação. Victor Gao se encarregou da tarefa durante o verão, mas seu trabalho de conclusão de curso era pesado demais e, com o início do ano letivo, não havia como continuar desenvolvendo o site; então, Gao apresentou os três a um aluno do segundo ano de ciência da computação que parecia ter interesse em projetos empresariais.

Nesse ponto, a base de código do Harvard Connection/ConnectU organizava os usuários pelo domínio do e-mail. Por exemplo, ao se registrar com um e-mail do domínio Harvard.edu, o usuário seria colocado automaticamente na rede de Harvard. O objetivo era injetar ordem no caos de administrar todos os usuários em uma grande rede. Como uma boneca russa, o ConnectU seria uma rede formada por redes menores, que seriam formadas por redes menores ainda e assim por diante, até o usuário individual.

Divya e os gêmeos criaram o ConnectU com base na ideia original de que o e-mail não é apenas uma boa forma de autenticar a identidade de alguém, mas também um bom indicativo da rede social de uma pessoa na vida real — um passaporte virtual. O protocolo de Harvard só criava e-mails do domínio @harvard.edu para os alunos de Harvard. O Goldman Sachs só criava e-mails do domínio @goldmansachs.com para os funcionários do Goldman Sachs. Logo, se tivesse um e-mail de um desses domínios, o usuário provavelmente integraria essas redes na vida real. Com essa plataforma, o ConnectU teria uma integridade que outras redes sociais, como o Friendster e o Myspace, não tinham. A rede organizaria os usuários em um esquema que facilitaria o contato entre eles e viabilizaria conexões mais significativas. De fato, aquele aluno do segundo ano de ciência da computação logo aproveitaria essa plataforma para se tornar uma celebridade mundial e dominar a internet.

Para os gêmeos, as únicas redes que Mark Zuckerberg conhecia eram as de computadores. Nas interações entre eles, os irmãos perceberam que Mark ficava bem mais à vontade conversando com máquinas do que com pessoas. Seguindo essa lógica, a maior rede social do mundo parecia ser de fato o resultado de uma união improvável entre os gêmeos e Zuckerberg, e não um produto exclusivo do cérebro de Zuckerberg. A ideia do gênio solitário que inventa algo brilhante sozinho só serve para filmes, é um mito de Hollywood. Na verdade, as maiores empresas do mundo foram criadas por duplas dinâmicas: Jobs e Wozniak, Brin e Page, Gates e Allen, os exemplos são muitos. Para Cameron, essa lista também incluía Zuckerberg e Winklevoss. Ou Winklevoss e Zuckerberg.

Sentado ali, Cameron teve que admitir que as conquistas de Zuckerberg eram muito impressionantes. Ele havia pegado algo deles e iniciado uma verdadeira revolução. Aquele garoto pálido e franzino, com um corte de cabelo digno do catálogo da rede Supercuts, havia mudado o mundo. Cameron fez questão de lhe dizer isso. Ele falou sobre como a criação de Zuckerberg era incrível, uma inovação que só ocorria uma vez a cada geração, quando surgia.

Quando Cameron parou, foi a vez de Zuckerberg tecer seus elogios. Ele parecia bastante impressionado com o fato de Cameron e Tyler terem ganhado o campeonato nacional de remo enquanto ainda estudavam em Harvard, e que agora estivessem prestes a integrar a equipe olímpica dos EUA para competir pelo ouro nas Olimpíadas de Pequim, no final do verão. Algo nele fez Cameron lembrar do garoto tímido que conheceu no refeitório. Um programador desajeitado com as pessoas, mas empolgado com aquele contato, ainda que por um breve momento.

Cameron fez o possível para neutralizar seus pensamentos negativos enquanto ouvia os elogios: tentou não lembrar de quando soube do site de Zuckerberg pelo *Harvard Crimson*. Em algum momento, a descrição do cargo de Zuckerberg no facebook.com dizia: "Fundador, Mestre, Comandante e Inimigo do Estado." *Falta ladrão*, pensou Cameron.

Mas nada de bom sairia dessa trilha mental. Além disso, nenhum desses episódios era importante agora.

Cameron lançou um olhar para o seu irmão e para os advogados sentados no lado de fora do aquário — todos manuseando energicamente seus blocos de notas — e calibrou seu controle emocional.

“Mark, vamos seguir em frente. O que passou, passou. Não estamos dizendo que criamos o Facebook.”

“Finalmente, concordamos em alguma coisa.”

Uma pequena demonstração de humor? Cameron não tinha certeza, mas resolveu avançar. “Não queremos 100%, mas merecemos mais do que 0%.”

Zuckerberg assentiu.

“Você acha realmente que estaria sentado aqui hoje se não tivesse sido chamado por nós naquele dia?”

“Estou aqui hoje porque vocês estão me processando.”

“Você me entendeu.”

“Entendi o que você está sugerindo.”

“Apresentamos nossa ideia para você. Demos acesso total à base de código. Vi uma lâmpada acendendo dentro da sua cabeça.”

“Você não foi a primeira pessoa do mundo a pensar em uma rede social, nem eu. O Friendster e o Myspace já existiam antes do Facebook e, até onde eu sei, o Tom, do Myspace, não está me processando.”

Cansativo, exasperante. Cameron pressionou a mesa de reuniões com seus dedos calejados. Ele imaginou um remo cortando a linha d'água em uma, duas, três remadas.

“Isso pode se arrastar pra sempre; ninguém está ganhando nada aqui. Temos mais o que fazer. Você precisa administrar uma empresa; nós precisamos montar uma equipe olímpica.”

“Também concordamos nisso.”

“A vida é muito curta pra desperdiçar nessa conversa fiada.”

Zuckerberg fez uma pausa e, em seguida, apontou para os advogados no outro lado do vidro.

“Talvez eles pensem diferente.”

“Vamos encontrar um meio-termo, apertar as mãos e seguir em frente; há grandes conquistas à nossa espera.”

Zuckerberg o encarou por um momento. Ele parecia estar prestes a dizer algo, mas só se moveu e, outra vez, deu o menor dos sorrisos possíveis.

Em seguida, de modo aparentemente robótico, Zuckerberg estendeu o braço sobre a mesa e se dispôs a uma tentativa de aperto de mão.

Cameron sentiu um arrepio na nuca. Aquilo estava acontecendo de verdade? A conversa parecia estar girando em círculos — mas, de relance, ele viu os advogados de Zuckerberg se levantando do outro lado do vidro.

Cameron estendeu o braço e apertou a mão de Mark Zuckerberg.

Então, sem dizer mais nada, o CEO do Facebook se ergueu da cadeira e caminhou até a porta. Cameron não fazia ideia do que se passava naquela cabeça enigmática. Talvez ele tivesse se sensibilizado com a perspectiva de Cameron e decidido dar o que os gêmeos Winklevoss achavam que mereciam.

Ou talvez Zuckerberg estivesse levando outra ideia para a sala de reuniões ocupada por ele e pelos advogados do Facebook durante a mediação.

“Como foi?”, perguntaria Neel Chatterjee, advogado de Zuckerberg.

“Bom.”

“Bom em que sentido?”

“Bom no sentido de 'vou massacrar esses filhos da puta'...”